A PRESSUPOSIÇÃO COMO MECANISMO IMPLÍCITO NA INTERPRETAÇÃO DOS DITADOS POPULARES

Laurena Marques **LARANGEIRA**[1]
Universidade Federal do Pará/UFPA
laurena1607@gmail.com

RESUMO: Este artigo busca compreender como acontece o processo de interpretação dos ditados populares, procede com embasamento na teoria da Pressuposição de Ducrot (1987), tendo como objetivo realizar uma análise em torno dessas expressões, destacando seus respectivos pressupostos. Através da entrevista com 5 (cinco) idosos, detectou-se tal mecanismo, questionando os informantes sobre como contextualizam essas expressões, para a partir das informações declaradas confirmar o sentido comum de cada dito, que teve como resultado a ratificação de seus pressupostos. Nesse processo interpretativo, destacam-se em primeiro plano os pressupostos, e em segundo plano os conhecimentos previamente absorvidos pelos falantes e a maneira como eles fazem uso dessas expressões. Com isso, chega-se à perspectiva de que os ditados são utilizados com efeito de indireta e os pressupostos detectados nos ditos refletem não só a intenção, como também a ideologia a partir do qual o enunciado foi construído. Então, o pressuposto passa a ser considerado como um mecanismo que permite interpretar o que está presente nas entrelinhas dos ditados.

Palavras-chave: Ditados populares, Interpretação, Pressuposto.

ABSTRACT: This article tries to understand how the process of interpretation of popular sayings happens, based on the theory of the Ducrot (1987) presupposition, with the objective of analyzing these expressions, highlighting their respective assumptions. Throughout the interview with 5 (five) elderly people, such a mechanism was detected, questioning the informants about how they contextualize these expressions, from the information declared to confirm the common sense of each said, that resulted in the ratification of their assumptions. In this interpretative process, the presuppositions stand out in the foreground, and in the background the knowledge previously absorbed by the speakers and the way in which they make use of these expressions. With this, one arrives at the perspective that the dictates are used with indirect effect and the presuppositions detected in the sayings reflect not only the intention, but also the ideology from which the utterance was constructed. Then, the assumption becomes considered as a mechanism that allows to interpret what is present between the lines of dictations.

Keywords: Popular sayings, Interpretation, Assumption.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho será baseado nos limites da Semântica e da Pragmática, tendo como objeto de estudo os ditados populares. Neles serão observadas características pertencentes à Teoria da Pressuposição de Ducrot (1987), com o intuito de analisar a presença dos pressupostos contidos nessas expressões e seus efeitos no processo de interpretação.

[1] Graduanda do curso de Letras com Licenciatura em Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL, Campus Universitário de Abaetetuba.

Segundo Ducrot (1987) “dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado” (Ducrot, 1987, p.42). Dessa forma, serão considerados nesse estudo, os pressupostos encontrados durante o processo de interpretação dos provérbios com o objetivo de descrever a maneira como o falante se apropria da língua fazendo uso desse mecanismo.

A análise dos ditados populares com embasamento na teoria de Ducrot (1987) será realizada com o intuito de compreender os processos de interpretações que ocorrem no uso dessas expressões, avaliando se os interlocutores identificam nos ditados os mesmos pressupostos.

De acordo com os estudos de Santos (2012), os ditados são expressões populares que constituem parte do léxico da língua e estão presentes nas diversas esferas discursivas, fixados em nosso dia a dia, como uma forma diferente e até irreverente de se dizer algo, suas significações são aprendidas na passagem de conhecimentos das gerações antigas para as mais novas. Essas características afirmam a carga e importância cultural que tais expressões carregam.

Sobre o conhecimento previamente absorvido por cada falante em relação às expressões populares considera-se o pensamento de Moura (2006) que o denomina de “conhecimento compartilhado” conceituando-o como um conjunto de proposições aceitas como verdadeiras pelos indivíduos envolvidos em um contexto de enunciação, ou seja, o locutor e o interlocutor.

Valendo-se desse conhecimento, é importante descrever, que é o principal responsável pela efetivação da comunicação por meio dos ditados, pois sem ele seria muito mais difícil chegar à compreensão, o que torna importante considerá-lo na análise dessas expressões.

Também é relevante destacar a linguagem que toma sentidos muito além do que está explicitado, já que, os ditados, em sua maioria, pressupõe algo implícito pelo falante. Esse mecanismo vai ao encontro do que considera Ducrot (1987) quando afirma que “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe, ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse.” (DUCROT, 1987, p. 77).

Desta feita, a importância desse estudo está no fato de os ditados populares serem expressões com características peculiares na forma como declaram suas significações e valendo-se de que a maior parte dos estudos relacionados a eles estão voltados para o aspecto

moral, visou-se o interesse em descobrir como é possível chegar a esses significados e de que forma os mecanismos pressupostos participam do processo de interpretação dos ditos.

2. METODOLOGIA

Os ditados utilizados na análise dessa pesquisa foram coletados por meio de entrevista com idosos, visto que esses são os que mais utilizam esse tipo de expressão por se tratar de uma linguagem antiga. Além disso, são os principais responsáveis pela passagem e prevalência dos ditos em nossa atualidade, pois através do uso contínuo repassam seus conhecimentos.

Participaram da entrevista cinco idosos com a faixa etária de 60 a 70 anos, os quais fazem parte do projeto social Casa do Idoso CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) Zita Cunha, situado na cidade de Barcarena-PA, local onde foi realizada a coleta dos dados.

No primeiro momento foi perguntado aos idosos quais os ditados que mais usavam em seu dia-a-dia. Dos citados, foram selecionados pela pesquisadora três de conhecimento comum entre os participantes. No segundo momento, foi perguntado em quais circunstâncias eles utilizam/utilizariam esses ditados. No terceiro momento foi realizada a análise dos pressupostos de cada ditado, levando em consideração os sentidos gerados nos contextos dos informantes.

Para coleta de dados foram utilizados gravador de voz (recurso do aparelho celular) onde ficaram arquivados os referidos áudios, papel e caneta para anotações dos ditados escolhidos e posteriormente realizadas as transcrições das informações geradas pelos informantes, as quais foram digitalizadas no computador com o recurso do Word.

Por se tratarem de frases passadas oralmente entre as gerações, os informantes não sabiam dizer de onde elas surgiram, por esse motivo, foram realizadas várias pesquisas em diversas fontes para se chegar o mais próximo do surgimento dos ditados, pois não existem explicações exatas, mas sim evidências de situações que apontam para um possível motivo de suas origens.

Os ditados populares coletados, seus possíveis surgimentos e suas exemplificações de situações de uso, serão analisados da seguinte maneira:

- Será realizada a relação da origem do significado com o significado atual;
- Serão retirados de cada ditado seus respectivos pressupostos com o objetivo de verificar se eles se confirmam nas contextualizações dos informantes;
- Será explicado como a pressuposição participa do processo de interpretação dos ditados.

Dessa maneira, cada ditado terá seus respectivos pressupostos e cinco formas de uso distintas, os exemplos serão tomados partindo de circunstâncias diferentes onde será observado se houve a ratificação da ideia de que o pressuposto se manteve ou não.

Para dar conta de explicar como um todo o processo de interpretação dos ditados, também relacionaremos essas expressões aos aspectos contextuais, como também ao conhecimento comum dos falantes, que serão detectados nas situações descritas pelos idosos, bem como às informações previamente adquiridas por locutor e interlocutor que acontecem num momento anterior à enunciação.

3. A TEORIA DA PRESSUPOSIÇÃO NA INTERPRETAÇÃO DOS DITADOS POPULARES

No campo dos estudos semânticos existem várias teorias que visam compreender o processo de construção de significado. Diversos estudiosos do meio linguístico explicam os fenômenos de significação no processo de interação entre os falantes da língua, a partir de perspectivas teóricas bastante distintas ou complementares.

A semântica formal, por exemplo, é ciência que estuda os significados. Sua principal tarefa é observar o significado no plano linguístico, destacando o sentido literal das palavras. Diferentemente dessa perspectiva, a pragmática, que também se dedica ao estudo da significação linguística, evoca o contexto extralinguístico como elemento determinante nas análises desse fenômeno.

Os estudos semânticos e pragmáticos são separados por características bem específicas que os diferenciam, particularmente, pelo modo como recortam seus objetos. Sobre esse aspecto, Cançado (2008) declara: "[...] Fica claro, pois, que o objeto de estudo da Semântica é a menção das sentenças e das palavras, isoladas de seu contexto; e o objeto de estudo da pragmática é o uso das palavras e das sentenças, inseridas em determinado contexto." (CANÇADO, 2008, p.20).

Os estudos semânticos são enfocados nas investigações dos significados das palavras nas sentenças, partindo disso, eles buscam apresentar o conhecimento semântico que o falante possui de sua língua o que faz com que ele saiba diferenciar sentenças e tenha melhor domínio de como funciona o fenômeno da significação linguística.

Para explicitar o significado do ponto de vista semântico, vale destacar o seguinte trecho de Cançado (2018):

> “A semântica pode ser pensada como a explicação de aspectos da interpretação que dependem exclusivamente do sistema da língua, e não de como as pessoas a colocam em uso; em outros termos, podemos dizer que a semântica lida com a interpretação das expressões linguísticas, com o que permanece constante quando certa expressão é proferida. [...]” (CANÇADO, 2008, p.19).

Do ponto de vista semântico toda a interpretação depende dos aspectos linguísticos, que está relacionado ao que é constante na língua.

A pragmática analisa a linguagem a partir da perspectiva contextual, ou seja, ela se dá por meio da relação do usuário da língua em um determinado contexto. Dessa maneira, o significado vai para além do que está descrito na frase, submetendo-o a uma análise mais profunda, no que refere às intenções, à cultura, ao comportamento, à entonação e principalmente ao conhecimento de mundo do falante.

Com base nessas formas de analisar os significados, o estudo dos ditados pode ser fundamentado sobre essas duas vertentes, partindo tanto da perspectiva semântica quanto da pragmática.

Partindo desse enfoque, podemos levar esse estudo sobre uma análise mais específica, no que se refere à Teoria da Pressuposição (1987) atrelando aos pressupostos às características semânticas, e o contexto de uso ao enfoque pragmático, pois, esses fenômenos são os responsáveis pelos efeitos de sentido que essas expressões transmitem.

Os pressupostos estão fortemente relacionados à forma como interpretamos os enunciados, eles correspondem ao sentido do que está sendo dito no momento de interação dos falantes, Ducrot (1987) teceu sua teoria com relação aos pressupostos e subentendidos, e, para nível de comparação, observaremos como o autor os distingue, para posteriormente nos ater somente à pressuposição.

Oswald Ducrot é um dos principais estudiosos da pressuposição e também do subentendido. Seus estudos sobre o mencionado assunto tiveram um percurso de 1977 à 1987, dos quais especificamente os reexames realizados em 1987 servirão de base para toda análise relacionada ao funcionamento do processo de interpretação dos ditados populares. Sobre esse viés, podem-se atrelar características linguísticas e extralinguísticas regidas por um conjunto de regras que estabelecem uma língua, não apenas como um meio de comunicação, mais como um jogo entre falantes.

.

> “[...] A língua, então, não é mais apenas o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe também, a esse encontro, formas bem determinadas.

> Não é mais somente uma condição de vida social, mas um modo de vida social. Ela perde sua inocência. Deixar-se-á, portanto, de definir a língua, à moda de Saussure, como um código, isto é, como um instrumento de comunicação. Mas ela é considerada como um jogo, ou melhor, como o estabelecimento das regras de um jogo, e de um jogo que se confunde amplamente com a existência cotidiana." (DUCROT, 1977, p. 12).

Ao confirmar a ideia de que na teoria da pressuposição a língua não é mais somente um instrumento de comunicação, mas sim um jogo, afirmamos o pensamento de que existem regras dentro dessa comunicação, que em paralelo com a realidade vivenciada, chegam a confundir no confronto entre os interlocutores.

O autor declara que, para a eficácia da análise dos implícitos linguísticos é necessário considerar as circunstâncias do enunciado, pois, elas que evidenciam o sentido real de ocorrência, o que resulta numa constatação mais precisa para explicar tais fenômenos.

Ao explicar a ocorrência do pressuposto, Ducrot (1987) declara que "os pressupostos de um enunciado continuam a ser afirmados pela negação deste enunciado ou por sua transformação em pergunta" (DUCROT,1987, p.18). O que torna evidente a relação da pressuposição com as construções sintáticas, pois é a partir da frase que se analisa tal efeito, e por meio dela verifica-se (através da negação e da interrogação) a permanência do pressuposto, caracterizando assim, que podemos considerá-lo num primeiro momento como pertencente ao componente linguístico.

O subentendido é considerado também como um pressuposto, pois ambos estão voltados para a análise dos sentidos implícitos, porém, ele se distingue pelos efeitos de sentido derivados da enunciação, pois destaca informações que não estão inscritas na língua, ou seja, o subentendido não aparece no plano lexical, e sim no plano extralinguístico. Ducrot (1987) sustenta que tratando-se do sentido literal de um enunciado, o subentendido parece ser acrescentado, o que consiste em dizer que não há relação direta com tal sentido, o que difere do pressuposto, já que este pertence plenamente ao sentido literal.

Vale ressaltar que, no caso dos pressupostos, não há reflexão individual dos falantes, visto que estão inseridos nas relações sintáticas, de forma que sua detecção está inscrita na língua.

> "[...] Parece, com efeito razoável fazer do pressuposto, ligado ao próprio enunciado bem como aos fenômenos sintáticos gerais, um produto do componente linguístico. O subentendido, ao contrário, resulta de uma reflexão do destinatário sobre as circunstâncias da enunciação da mensagem e deve ser captado, através da descrição linguística, ao final de um processo

> totalmente diferente, que leve em conta, ao mesmo tempo o sentido do enunciado e suas condições de ocorrência e lhes aplique leis lógicas e psicológicas gerais." (DUCROT, 1987, p. 24-25).

Os elementos que constituem a teoria da pressuposição são posto, pressuposto e subentendido, sobre tais termos Ducrot (1987) esclarece, o "[...] pressuposto é apresentado como pertencente ao "nós", enquanto o posto é reivindicado pelo "eu", e o subentendido é repassado para o "tu"." (DUCROT, 1987, p.20). O autor evidencia o papel de cada atuante dentro da língua, relacionando as características vinculadas à teoria. Desse modo, podemos destacar que o pressuposto atrelado ao "nós" pode ser entendido como algo de conhecimento comum entre os dois integrantes do diálogo, que evidência a ligação dos participantes dentro do ato da comunicação; já o "eu" trata do posto, ou seja, a informação que é desenvolvida no ato simultâneo da comunicação afirmada pelo locutor; e o "tu" é o que faz referência ao subentendido, que é a informação para além do sentido da frase, ou seja, aquilo que se pode deduzir, ou, de outro modo, é aquilo que fica a cargo do ouvinte inferir. Cada um desses elementos atuam em determinado momento dentro do ato comunicativo, de modo que, o posto é simultâneo, pois ocorre na realização da fala, o pressuposto situa-se num conhecimento anterior ao qual o locutor parece inferir, já o subentendido só aparece posteriormente no momento em que o ouvinte o interpreta.

Em continuidade de seus estudos Ducrot (1987) segue agregando novos conceitos aos fenômenos pressupostos e subentendidos, acrescentando novas características com o intuito de uma melhor observação desses fenômenos. É viável destacar a relação dos pressupostos aos fatos da língua, e dos subentendidos como pertencentes aos fatos da fala. Pois, o primeiro é transmitido da significação para o sentindo, e o segundo pode ser observado na frase, mais não precisamente marcado nela, pertencendo ao sentido, mas sem estar prefigurado na significação.

Ducrot (1987) chega à conclusão de que há duas maneiras de observar os mecanismos pressupostos, informação evidenciada na seguinte declaração do autor "Tenho admitido pelo que procede, há dois modos de definir a pressuposição, seja a nível do enunciado[2], seja a nível da frase." (DUCROT, 1987, p.39). Assim sendo, a detecção do pressuposto pode ocorrer a partir das construções sintáticas das frases, como também por meio do enunciado, e neste segundo caso, o autor passa a considerar características

[2] Frase, parte de um discurso (oral ou escrito) em associação com o contexto em que é enunciado.

extralinguísticas e ao declarar a pressuposição pelo enunciado, agrega a noção dele como ato ilocutório.

Partindo desse viés, a pressuposição passa a ser descrita como um ato ilocutório[3], considerando sua realização como criadora de uma obrigação para o destinatário no que concerne a ordem e a interrogação, assim como para o locutor no caso específico da promessa.

> "[...] passei, em outras palavras, da ideia de que o ilocutório reivindica uma eficácia, enquanto fala, para a ideia de que ele se apóia numa eficácia própria das palavras, quer dizer, do material utilizado na fala. O que leva a concluir que o ilocutório está por definição inscrito na frase. [...] Foi-se levado a colocar o poder pressuposicional na frase, e a pensar que ele é transmitido da frase para o enunciado. Em oposição, os subentendidos seriam colocados no mesmo plano que o perlocutório e ligados às circunstâncias da enunciação." [...] (DUCROT, 1987, p.35).

O autor caracteriza o pressuposto como ato ilocutório e o subentendido como ato perlocutório[4], tal associação enfoca o primeiro ato como responsável pela eficácia da enunciação, e o segundo ato, como sendo totalmente ligado às circunstâncias em que acontece a enunciação.

Seguindo essa linha de pensamento, Ducrot (1987) declara que os pressupostos são as indicações pelas quais o enunciador faz uso para não dizer de fato, aquilo que se quer dizer, isso é trazido ao enunciado de maneira que não oriente a continuação do discurso, tais características só evidenciam a ideia da pressuposição como uma tática argumentativa no processo de comunicação em que os interlocutores utilizam para impor-se uns aos outros.

> "[...] a pressuposição é a parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário. [...] (o sentido de um enunciado é, por exemplo, a pretensão manifesta de obrigar o destinatário, no momento mesmo da enunciação, a fazer esta ou aquela coisa, a crer nesta ou naquela proposição, a continuar o diálogo nesta ou naquela direção – ou o que vem a ser o mesmo, a não continuá-lo nesta ou naquela outra). A pressuposição é então um elemento do sentido – se se considera o sentido como acabo de propor, como uma espécie de retrato da enunciação." [...] (DUCROT, 1987, p. 42).

[3] Designativo do ato de fala em que o falante introduz uma intenção de realizar um objetivo comunicativo.
[4] Ato de fala que é constituído pelos efeitos de sentido produzidos no interlocutor por aquilo que é dito.

Esses processos viabilizam um método de interação onde o locutor declara sua fala fazendo dela um jogo do qual corresponde ao destinatário a responsabilidade de capturar e reconhecer as informações implícitas. Dessa forma, o sentido, que segundo Ducrot (1987), nada mais é do que um retrato da enunciação é declarado pelo locutor, mas fica sobre o encargo total do destinatário.

A maneira como Ducrot (1987) dispõe seus estudos nessa teoria mostra que na língua tanto falada como escrita, existem inúmeras informações que não estão explícitas.

Nos comunicamos de forma ágil e nesse processo comunicativo a praticidade é de grande estima, os pressupostos são os mecanismos que, como falantes utilizamos para uma comunicação mais precisa, no que se refere à interpretação de significados, evitando declarações extensas.

Sobre esse pensamento, é valido situar a seguinte colocação de Espíndola (2010):

> "A pressuposição exerce pelo menos três funções, na atividade linguística: funciona como um elemento de coerência e coesão, pelo fato de evitar a repetição no encadeamento discursivo, ao mesmo tempo em que faz com que haja recorrência semântica; uma condição de progressão que se dá via posto; por fim, aparece como evidencia, verdade óbvia que não se pode ser questionada." (ESPÍNDOLA, 2010, p.56).

Valendo-se da importância desse estudo, torna-se relevante destacar a relação da pressuposição no que se refere à compreensão dos ditados populares, pois tais fenômenos são responsáveis pela maneira como o significado é compreendido entre os falantes.

Sobre os ditados, vale acrescentar que são frases comuns de conhecimento popular, que por sua vez são repassados de geração em geração, carregados de significados pragmáticos, mas que em sua origem o sentido semântico prevalece. As gerações subsequentes foram modificando-os e com o passar do tempo dando novos conceitos que os tornam com amplas pluralidades em suas significações, essas expressões que se repetem e mesmo com o passar do tempo permanecem por gerações. Eles são utilizados em diversos contextos e não se delimitam a um ambiente específico, porém é comum que sejam em sua maioria utilizados em conversas informais. Como característica principal, eles possuem em sua maioria um teor moral, o que os associa a um aviso, advertência, conselho, entre outras ideias, em suma, trazem situações e questionamentos da realidade numa linguagem diferente. Para interpretá-los, devemos recorrer a informações anteriores ao ato da linguagem, que são

repassadas normalmente por nossos ancestrais, e pela decorrência de ouvirmos tantas vezes essas frases nos familiarizamos com seus conteúdos, e ao levarmos em consideração a leitura, assim como os contextos que são utilizados, conseguimos facilmente identificar as intenções dos falantes no uso dos ditados.

Também conhecidos como provérbios, são conceituados com base nos estudos de Xatara e Succi (2008) da seguinte maneira:

> "[...] provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar." (Xatara & Succi, 2008, p. 35).

Eles pertencem ao campo de estudo da Fraseologia, mais especificamente da Paremiologia que é a ciência que se atém ao uso dessas expressões, com enfoque nessa afirmação destacamos a citação de Santos (2012):

> "A Fraseologia, ciência que estuda as expressões populares, tem ganhado cada vez mais espaço nos estudos linguísticos. E no âmbito da Fraseologia, situamos a Paremiologia, que é a ciência que se atém ao estudo específico dos provérbios e dos enunciados sentenciosos cuja intenção é transmitir algum conhecimento tradicional baseado na experiência." (SANTOS, 2012, p.4).

A relação da pressuposição com as expressões populares se dá devido ao processo que ocorre para chegar-se à interpretação. Dessa forma, pode-se entender que, ao explicarmos os conteúdos de um dito, podemos associá-lo aos conceitos explanados na teoria de Ducrot (1987), pois o significado pode ser analisado através dos pressupostos. Eles podem ser utilizados para destacar características que por vezes não estão associadas ao plano lexical, mas a nível do enunciado, que passam despercebidas no conteúdo dito, porém, estão implícitas no momento da interação, relacionadas ao contexto.

Dessa maneira, podemos analisar os ditados com base em seus implícitos, no que se refere ao pressuposto, como também com enfoque no conhecimento compartilhado entre os falantes. Essa análise tem como ponto de partida o momento em que o locutor faz uso dessas expressões destinando-as a alguém. Todo esse processo que ocorre no momento de interação entre os falantes é observado e fazendo uso dos fenômenos abordados nos estudos de Ducrot

(1987), torna-se perceptível as características inseridas implicitamente e contextualmente nessas expressões, o que facilita a compreensão de como acontecem às interpretações do significado.

4. ANÁLISE DOS PRESSUPOSTOS NOS DITADOS POPULARES

- DITADO 1: "FOCINHO DE PORCO NÃO É TOMADA."

Não há registro de uma situação específica que declare o surgimento dessa expressão, mas, considera-se que sua origem tenha se dado através da observação da semelhança do focinho de porco com a tomada elétrica, devido ao aspecto plano e os dois furinhos que ambos possuem.

Mesmo que seja uma descrição óbvia, não é exatamente nesse sentido que ele é popularmente conhecido, na verdade, este ditado popular, parte da ideia de dizer que nem tudo é como parece e é usado em situações onde há interpretações erradas de um fato.

Dessa forma, podemos perceber que o pressuposto do ditado foi modificado com o passar do tempo, cristalizado num sentido diferente de sua origem, pois o implícito linguístico desse dito nos leva a pressupor que não se pode julgar algo por sua aparência, sem considerar suas funções, pois nem tudo é o que parece, destacando que a aparência de algo não é suficiente para confirmar sua definição.

Partindo do pressuposto fixado pelo uso dessa expressão, vamos observar o modo como cada informante pensa sua contextualização.

Informante1: A gente assiste televisão e vê cada mulher bonita, quando descobre que não é mulher, mas sim um homem que transformou o corpo, não dá nem pra acreditar. Deve ter muito homem se enganando por aí, já pensou quando eles descobrirem que "focinho de porco não é tomada"? Já vai ser tarde demais.

Informante2: Eu uso esse ditado quando digo algo a alguém e essa pessoa acaba entendendo errado, pois mesmo que o focinho de porco seja parecido ele não é tomada. Como exemplo, posso dizer, as comparações que alguns homens dizem, tipo, as mulheres não prestam, aí eu digo, mas focinho de porco não é tomada, mesmo que sejam mulheres, nem todas são iguais, as pessoas não podem generalizar.

Informante3: Um ladrão está roubando muito no bairro, quando finalmente vai preso, é na delegacia que ele vai saber que focinho de porco não é tomada, que tudo que ele fez achando que ia ser sempre essa vida fácil, só levou pra pior.

Informante4: Quando uma pessoa de bem, se mistura com gente errada anda junto e frequentam os mesmos lugares, os outros passam a observar e duvidar do caráter, então até ela tentar explicar que focinho de porco não é tomada, ela já passou essa má impressão para os outros.

Informante5: Quando a gente avisa pra uma pessoa que algo vai dar errado, e mesmo assim ela não ouve e faz, aí a pessoa erra por que quis, então eu uso o ditado pra dizer: tá pensando que focinho de porco é tomada?

Nos exemplos citados, percebemos que o pressuposto acima declarado é mantido, observa-se no caso do informante 1, onde é afirmada a ideia de confusão por coisas distintas, mas aparentemente semelhantes. Já o informante 2, reivindica a noção de generalização por coisas de características comuns. No caso do informante 3, percebemos a distinção de uma coisa que até então era considerada de uma forma positiva, mas na verdade não era. Na ocorrência do informante 4, é gerada a noção de pré-julgamento de algo pelo que aparenta ser. E o informante 5, afirma que atitudes erradas não terão resultados positivos, ao declarar "–tá pensando que focinho de porco é tomada?", ele reage confirmando a ideia de que algo ruim leva a coisas ruins, algo bom, gera coisas boas, e tais coisas são diferentes, não há como fazer algo que aponte para um possível erro e esperar bons resultados.

Como se pode perceber, os cinco informantes confirmam o pressuposto desse ditado, embora descrevam situações distintas, todas permanecem com o mesmo efeito de sentido, o que evidencia a forma como se estabilizou atualmente seu significado.

- DITADO 2: "QUEM SE MISTURA COM OS PORCOS, O FARELO COME."

Especula-se que essa expressão tenha surgido com base na parábola do filho pródigo, contida na Bíblia no livro de Lucas capítulo 15, onde é relatada a história de um jovem que antecipou o recebimento de sua herança, gastando-a em diversões banais, e ao fim teve que trabalhar em uma fazenda, na qual passava fome, sentindo a necessidade de comer junto com porcos, conforme o trecho bíblico: "*E desejava encher o estômago com as bolotas que os porcos comiam...*" Lucas 15:16.

Atualmente, não se considera o sentido literal como no exposto na parábola do filho pródigo, esse significado se transformou e essa mudança estabilizou o pressuposto desse dito ao conteúdo implícito que o define para dizer que, quando alguém se envolve com uma pessoa de mau caráter, vai seguir os mesmos preceitos e receber o mesmo tipo de tratamento, destacando a ideia de que se sujeitar a certas companhias vai levá-lo a ser tratado como se fosse igual.

Partindo do pressuposto acima descrito, observemos as ocorrências de uso do ditado com o intuito de reconhecê-lo nos exemplos dos falantes.

Informante1: Já usei esse ditado com meu filho que se envolveu com drogas, eu sabia que isso ia levar ele a fazer coisa errada. Quando aconteceu de a polícia aparecer com ele na porta de casa dizendo que estava junto com um amigo, suspeito de roubo, ele me disse que não tinha feito nada. Eu olhei pra ele e disse: "-Tá vendo meu filho? Eu te avisei: Quem se mistura com os porcos o farelo come." Agora ele aprendeu.

Informante2: Teve um parente meu com quem eu usei esse ditado, porque ele estava tendo convívio com três pessoas que eu sabia que não tinham bom comportamento, essas pessoas só conversavam à base de palavrões, então aconteceu de ele também passar a ter essa linguagem vulgar. E eu disse: quem se mistura com os porcos, o farelo come. Pois ela pegou os maus hábitos das pessoas com que convivia.

Informante3: Se uma pessoa anda com más companhias, um dia ela terá consequências, então quem se mistura com os porcos o farelo come.

Informante4: Por mais boa gente que eu seja, se eu me mistura com bandido, vão achar que eu sou bandido, se eu me misturar com fofoqueiro, vão achar que eu sou fofoqueiro, então quem se mistura com os porcos o farelo come, por que passa a ser considerado igual.

Informante5: Uma pessoa de bom caráter, mas que se mete no meio de pessoas, e fica com vergonha de mostrar que é diferente, e acaba agindo igual a elas só pra não ficar de fora, então quem se mete com os porcos o farelo come, e nesse caso o farelo são as manias e mau comportamento dos outros.

Percebe-se que no caso dos informantes 1 e 3, que está implícito que não será reconhecido como inocente aquele que anda na companhia de quem realiza algo ilegal, como resultado, ambos sofrerão as consequências. Já os informantes 2 e 5 partem da ideia de que estar com pessoas de má índole, levará a adquirir os mesmos hábitos e se comportar de igual maneira. Já o do informante 4, parte do princípio de que amizades são estabelecidas a partir

da identificação de características psicológicas e morais em comum, então, se a pessoa anda com alguém com tal característica moral é considerado igual.

Ao atentarmos para as situações de uso, percebemos que as diversas circunstâncias apontam para um aspecto global de sentido, nesse caso, o pressuposto. Ele agrega a significação fixada atualmente na expressão, garantindo o valor de uma verdade absoluta no que está implícito, embora não esteja óbvio. Os cinco informantes ratificam a pressuposição, o que revela seu teor fixo, pois todos os exemplos apontam para o significado clássico da expressão.

- DITADO 3: "O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER VER."

Esse ditado teve origem na França com base no ocorrido em Nimes no ano de 1647, onde o doutor Vicent de Paul D'Argenrt fez o primeiro transplante de córnea em um aldeão de nome Angel. Foi um sucesso, porém, Angel ficou horrorizado com o mundo que via e disse que o mundo que ele imaginara era muito melhor. Pediu ao cirurgião que arrancasse seus olhos. O caso foi acabar no tribunal de Paris e no Vaticano, onde Angel ganhou a causa e entrou para a história como o cego que não quis ver.

Ao atentarmos para o contexto em que se originou esse ditado percebemos que a linguagem é predominantemente denotativa, ou seja, enfoca o sentido real das palavras. Nesse caso a pessoa em questão preferiu voltar a ser cego a enxergar as imperfeições do mundo.

Nos dias atuais, o ditado fixou-se com o pressuposto que declara a existência de pessoas que se negam a admitir um fato. A "cegueira" a que se refere o ditado popular como na época atual é conhecido, não é física, nem está relacionada à visão. O que está implícito nesse enfoque é considerar o "cego" como a pessoa que não percebe algo que está explícito, um problema que está para surgir, ou não admite determinada situação que esteja evidente.

Partindo do pressuposto fixado pelo uso dessa expressão, vamos observar o modo com cada informante pensa sua contextualização.

Informante1: Se eu sei que meu filho faz coisa errada, mas não faço nada pra ele mudar "passando a mal na cabeça dele", estou me fingindo de cego, tentando me enganar com uma coisa que "tá na cara", então o pior cego é aquele que não quer ver, pois está mentindo pra si mesmo.

Informante2: Às vezes num casamento acontece de um não respeitar o outro, mesmo as pessoas falando e até mostrando, o outro prefere manter a aparência de que tudo está bem, então eu usaria o ditado o pior cego é aquele que não quer ver, pois a pessoa finge que não sabe só pra manter aquela relação, aceita e deixa acontecer.

Informante3: Nos casos em que a mulher sempre apanha do marido, mas acha que algum dia vai dar certo dele mudar, então, o pior cego é aquele que não quer ver, mesmo ela sofrendo, insiste em continuar.

Informante4: Como exemplo, posso dizer um casal, onde a mulher vive com um homem que demostra ser um pai exemplar, mas na rua ele tem amante, e mesmo que aconteça dele chegar tarde em casa e de alguém dizer pra essa mulher ela defende dizendo que ele não seria capaz pois é um ótimo marido. Então o pior cego é aquele que não quer ver, pois nesse caso, mesmo com provas ela prefere não enxergar a verdade.

Informante5: É o que conhecemos como hipocrisia. Pois a pessoa hipócrita às vezes passa por um problema e mesmo sabendo que não é certo aceitar viver naquela situação, finge pra viver de aparência, forjando uma felicidade de mentira. Por exemplo, os pais de hoje preferem não corrigir seus filhos para não contrariar, acabam "passando a mão" e deixa passar como se nada tivesse acontecido, então o pior cego é aquele que não quer ver, mesmo que saiba que algo está errado, não faz nada pra resolver fingindo que aquele problema não existe.

Nas descrições dos falantes sobre o uso desse ditado encontramos um sentido comum, embora abordem situações distintas, eles pressupõem o dito considerando que existem pessoas que se negam a admitir um fato explícito, preferindo "fazer de conta" que está tudo bem, nesses casos, eles aceitam os problemas e preocupações mesmo que estejam evidentes e preferem não se darem ao trabalho de solucionar ou mesmo questionar sobre eles.

Assim sendo, os exemplos apresentados declaram um mesmo sentido para o ditado, o significado que passou a ser fixado com o tempo é confirmado na maneira como os falantes apontam para um mesmo pressuposto, afirmando a forma definida pelo uso.

4.2 DISCUSSÕES: CARACTERÍSTICAS RECONHECIDAS NA INTERPRETAÇÃO DOS DITADOS

Ao observarmos os aspectos gerais da análise aqui estabelecida, percebemos que os três ditados possuíam um sentido denotativo no momento em que surgem, porém, ao longo do

tempo esse sentido se transformou e estabilizou o pressuposto na forma atual declarada pelos informantes.

Se contrastarmos a origem com o que é popularmente conhecido, notamos a divergência dos significados, pois ao explicar o surgimento é realizada uma descrição literal. Porém, o que hoje conhecemos, revela o sentido conotativo dessas expressões, fugindo dos limites originais dos provérbios, agregando-os à situações corriqueiras. Daí, podemos compreender o eixo popular, pois os ditos fazem parte da linguagem utilizada informalmente em nosso dia a dia, fatos que se comprovam por meio das informações que não são declaradas, mas que são facilmente reconhecidas nas situações de ocorrência do uso.

É importante salientar que o contexto descrito pelos idosos foi primordial nesse estudo, pois permitiu identificar essas diferenciações, visto que, através dele podemos compreender a mensagem exata que se quer enfatizar, que resultou na confirmação da pressuposição.

Dessa forma, podemos considerar o aspecto pragmático como pertencente ao processo interpretativo dos provérbios, ele é demonstrado através do contexto, o qual permite reconhecer os sentidos comuns evidenciados nas expressões. Então, ele contribui para a ratificação do pressuposto. Assim, o contexto também pode ser considerado um mecanismo que permite a detecção de informações e sentidos que não aparecem explicitamente na frase.

Ressaltando o fato de o pressuposto pertencer segundo Ducrot (1987) ao “nós”, fato este que nos leva a crer na concepção de um conhecimento mútuo entre os falantes, nos induz a considerar esse conhecimento como algo anterior à enunciação, previamente adquirido e que leva a interpretar os ditados e permite a continuidade do discurso sem que haja questionamento do que é declarado no enunciado.

Esse conhecimento compartilhado garante a eficácia no discurso, delegando ao provérbio o papel de indireta por conta de seus atributos implícitos. Nesses casos, os falantes não se atém a explicar as expressões, pois as declaram na hipótese de que o ouvinte já saiba seu significado e o sentido que se deseja enfocar.

É importante salientar que a maneira como foi realizado o reconhecimento dos pressupostos nos ditados foi baseada nos reexames realizados por Ducrot (1987), sendo assim, a análise não foi formulada nos termos clássicos da pressuposição, mas em seus últimos estudos dessa teoria, no qual o autor agrega novas características ao fenômeno, informação evidenciada no seguinte trecho:

> "[..] E chamarei pressupostos de um enunciado as indicações que ele traz, mas a partir das quais o enunciador não quer (quer dizer, faz como se não quisesse) fazer recair o encadeamento. Trata-se de indicações que se dão, mas que se dão à margem da linha argumentativa do discurso. Se se admite essa concepção, é possível reconhecer como pressupostos, ao nível do enunciado, elementos semânticos que, nas teorias clássicas não teriam esse rótulo – pois não é possível descobri-los, ao nível das frases por critérios tradicionais." (DUCROT, 1987, p. 38).

Assim, os pressupostos dos ditos partem da frase para o enunciado, já que somente a frase não dispõe das informações que são reconhecidas através de conhecimento prévio dos falantes, visto que, as expressões populares declaram sentidos além do que está posto.

Desta feita, a pressuposição permite declarar informações implícitas adicionais, partindo do enunciado, pois o sentido que será gerado depende dele.

É valido lembrar da associação que Ducrot (1987) faz da pressuposição com o ato ilocutório, que leva a confirmação da ideia que os ditados se amparam nos atos de fala, para realizar a eficácia do enunciado.

> "A ideia central é a seguinte. Se uma frase, em virtudes dos critérios clássicos, pressupõe X, todos os enunciados também o pressupõem, quando lhes é aplicado o critério novo, o encadeamento. Isso não implica, evidentemente, que, se um enunciado, em virtude desse critério pressupõe X, a frase da qual ele é a realização, pressupõe igualmente X a partir dos critérios clássicos. Essa situação nada tem de surpreendente se a pressuposição for considerada como um ato ilocutório." (DUCROT, 1987, p.39).

Considera-se então, que os ditados mantiveram a concepção da confirmação dos pressupostos nas enunciações e, no que concerne a definição da pressuposição como ato ilocutório, ponderamos que o falante declara uma intenção comunicativa, com o intuito efetivar essa mensagem no interlocutor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato mais interessante percebido durante a execução desse trabalho foi a maneira como os falantes se valem do pressuposto para não explicar descritivamente e explicitamente o objetivo de sua fala. Isto revela que, na língua, os ditados exprimem de forma sucinta

determinada mensagem e valendo-se deste artifício os falantes tornam a linguagem mais ágil, evitando rodeios e questionamentos.

Os pressupostos declarados por Ducrot (1987) evidenciam a ideia da língua como um jogo, regida por um conjunto de regras. As análises realizadas em torno dos ditados populares revelam esse jogo entre os interlocutores no que se refere à forma como utilizam esses mecanismos para criar efeitos de sentidos que agem como indireta, onde a tática principal é que o discurso decorra sem interrupções e indagações da mensagem inserida implicitamente nas entrelinhas das frases.

Os conteúdos implícitos nos ditados revelam que as palavras não se valem apenas do sentido literal, pois neles a forma apresentada originalmente, ganhou novos sentidos, o que revela a mudança do significado. Deve-se também considerar o fato de que há informações anteriores ao ato da comunicação que permitem a compreensão dos ditados entre locutor e interlocutor, informações essas repassadas ao longo do tempo.

No momento em que o falante declara o ditado, o pressuposto é disparado e rapidamente é capturado em função de questões culturais que são compartilhadas, os sentidos que já estão cristalizados na memória dos interlocutores.

Os pressupostos detectados nos ditos refletem não só a intenção, como também a ideologia a partir do qual o enunciado foi construído, ao os utilizarmos, declaramos em uma frase algo que ao ouvinte possa ser um conselho, repreensão ou ensinamento, sem falar diretamente sobre a questão em sí.

Com base em toda a análise realizada em torno dos ditos, chegamos ao consenso de que os pressupostos são mecanismos que permitem interpretarmos o que está presente nas entrelinhas das expressões populares, eles participam desse processo declarando suas informações implícitas. Podem ser encontrados no nível sintático, com base na frase, na forma clássica de análise, como também são reconhecidos no enunciado partindo das contextualizações.

No processo de interação há algo que joga além do que é declarado, e que é mobilizado para instalar o processo de compreensão, dessa maneira, não podemos olhar somente à nível do que é dito, é necessário ver o que também é implicado na pressuposição.

De modo geral, é de suma importância que o falante saiba reconhecer a pressuposição, pois ela é considerada um recurso argumentativo que tem como efeito de

sentido a questão de “indireta”, assim, aos nos apropriarmos deste conhecimento passamos a compreender que nem tudo é posto no momento de interação.

Conclui-se então, que a pressuposição é um artifício da língua permite declarar informações implícitas adicionais partindo do enunciado, visto que possui relação de dependência com o sentido gerado no momento enunciação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica** : noções básicas e exercícios. 2. Ed. revisada. Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.

DUCROT, Oswald. (1987) **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes.
Dicionário Maueês e/ou Amazonês. Disponível em: <www.planetaguarana.com.br/dic4.php> Acesso em 01/05/2018.

Dicionário Informal. Disponível em: <www.dicionarioinformal..com.br/significado> Acesso em: 01/05/2018.

ESPÍNDOLA, Luciene C. Pragmática da Língua Portuguesa. In: ALDRIGUE, Ana C. de Souza; LEITE, Jan Edson Rodrigues (orgs.). **Linguagens: usos e reflexões**. Vol. 6. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Refletindo sobre o fenômeno da Pressuposição. Disponível em: <www.professorguedelha.recantodasletras.com.br> Acesso em: 02/05/2018.

MOURA, H. M. de M. **Significação e contexto**: uma introdução a questões de semântica e pragmática. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2006.

SANTOS, Ana Paula Gonçalves. **Análise da Escolha Lexical no estudo de provérbios em LDP**. Volume 2, número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org> Acesso em: 20/10/2017.

XATARA, Cláudia Maria; SUCCI, Thaís Marini. **Revisitando o conceito de provérbio**. Juiz de Fora: Veredas on-line Atemática, 2008.